

DOSSIÊ TEMÁTICO: SOCIOLINGUÍSTICA E INTERFACES NA DIVERSIDADE  
BRASILEIRA



# QUILOMBO/QUILOMBOLA: UMA VISÃO (AUTO)ETNOGRÁFICA, SOCIOLINGUÍSTICA E SEMÂNTICA

## QUILOMBO/QUILOMBOLA: AN (AUTO)ETNOGRAPHIC, SOCIOLINGUISTIC AND SEMANTIC VISION

Maria Madalena do Sacramento ROCHA<sup>1</sup>  
Universidade de Brasília (UnB)  
E-mail: [daliasacramento@gmail.com](mailto:daliasacramento@gmail.com)  
ORCID: <http://orcid.org/0000-0002-9956-3297>

58

### RESUMO

O presente estudo levanta uma discussão acerca das relações de poder que se estabelecem pelo uso da língua utilizando os dêiticos como elementos de análise a partir dos Estudos Sociolinguísticos e da Semântica. O objetivo deste artigo é analisar as categorias de governo Quilombo/Quilombola na comunidade Quilombola Extrema, localizada no município de Iaciara-GO. O trabalho está dividido basicamente em quatro partes. Primeiramente, apresento a etnografia da comunidade; segunda parte, a minha autoetnografia; em terceiro, o antes e o após a certificação da Fundação Cultural Palmares e na quarta parte, os conceitos de Quilombo/Quilombola. Assim, a comunidade é analisada a partir dos resultados desta pesquisa, e por meio da etnografia. A participação direta no campo etnográfico pode ser sintetizada neste texto com as estratégias metodológicas como a Sacola de Campo e a autoetnografia. Os principais conceitos apresentados e que dialogam com a base teórica são elencadas por Quilombo (NASCIMENTO, 1980; MUNANGA, 1995; ARRUTI, 2008); Autoetnografia (BLANCO, 2012; KILOMBA, 2019); Dêiticos (SOUSA, 2006,) Variedade linguística (BORTONI- RICARDO, 2004). As contribuições deste trabalho abarcam diversas áreas, entre elas, o fortalecimento da identidade quilombola, os estudos linguísticos relacionados aos conceitos mencionados a exposição do gênero (auto)etnografia como abordagem metodológica de pesquisa.

**Palavras-chave:** Autoetnografia. Sociolinguística. Semântica. Quilombo. Quilombolas.

---

<sup>1</sup> Doutoranda em Linguística pela Universidade de Brasília (UNB). Mestra em Performances Culturais (2019) e Graduada em Artes Visuais(2015) pela Universidade Federais de Goiás (UFG).Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-9956-3297> Contato: [daliasacramento@gmail.com](mailto:daliasacramento@gmail.com).

## ABSTRACT

The present study discusses the power relations established by the use of language using deictics as elements of analysis from Sociolinguistic Studies and Semantics. The aim of this article is to analyze the Quilombo/Quilombola government categories in the Quilombola Extrema community, located in the municipality of Iaciara-GO. I divide the paper, into four parts. First, I present the ethnography of the community; second part, my autoethnography; in third, the before and after certification by the Palmares Cultural Foundation and in the fourth part, the concepts of Quilombo/Quilombola. I can synthesize direct participation in the ethnographic field, in this text, with methodological strategies such as the Field Bag and autoethnography. The main concepts presented and that dialogue with the theoretical basis are listed by Quilombo (NASCIMENTO, 1980; MUNANGA, 1995; ARRUTI, 2008); Autoethnography (BLANCO, 2012; KILOMBA, 2019); Deictics (SOUSA, 2006,) Linguistic variety (BORTONIRICARDO, 2004). The contributions of this paper cover several areas, among them, the strengthening of the quilombola identity, the linguistic studies related to the mentioned concepts, the exposure of the genre (auto)ethnography as a methodological research approach.

**Keywords:** Autoethnography. Sociolinguistics. Semantics. Quilombo. Quilombolas.

## INTRODUÇÃO

Este artigo tem como objetivo expor a fala a partir do meu território, isto é, da história do meu povo. O lugar de fala é importante, mas ultimamente tenho pensado na recepção desta voz que não é tão bem recebida em alguns contextos sociais, por isso, tendo como consequência a não escuta e a voz silenciada. Eu me refiro, no quão é violento o carreiro da denúncia, das mazelas, dos engavetamentos das leis neste país que resultam em morte de lideranças Quilombolas. Apresento uma das últimas declarações pública da Maria Bernadete Pacífico Moreira, líder quilombola da comunidade Pitanga dos Palmares e da Coordenação Nacional de Articulação de Quilombos: “Mulher negra da vida difícil, mas mesmo assim continuo, porque ser quilombola é resistência” (DA SILVA, 2023).

Temos vários lugares de fala, alguns são de riscos, falo do lugar de mulher preta, esposa, mãe, avó, artesã/artista visual, liderança, pesquisadora e docente. Quem sou eu? Aqui agora, sou pesquisadora numa sobreposição de papéis sociais.

Diante desse cenário violento, de negação, seguimos no caminho por uma diversidade de motivos. Neste sentido, os passos podem ser rápidos, lentos, arrastados, engatinhados ou silenciados. Mas, independentemente do ritmo das passadas, nada é maior que continuar enquanto temos força nas pernas. Assim, podemos passar noites em claro e, mesmo assim, continuar no carreiro. Portanto, em busca de dias melhores, aprendemos a seguir coletivamente.

Primeiro, apresento minha autoetnografia e a etnografia da comunidade Extrema, um breve relato sobre o meu povo, antes de sermos reconhecidos por lei e após o recebimento da certificação da autodefinição de comunidades como remanescentes de Quilombo. Fatores como estes são relevantes para demonstrar a recepção de uma categoria externa à comunidade e a apropriação desta nova identidade com o propósito de alcançar as políticas públicas. Segundo, em especial, busco uma forma de analisar as categorias de governo Quilombo/Quilombola, uma reflexão autoetnográfica. Assim, a comunidade Extrema será analisada.

## **CARREIRO METODOLÓGICO**

Neste artigo, emprego o uso do método da autoetnografia como uma necessidade para (des)colonizar o caminho da pesquisa trilhado por teóricos durante décadas. Além disso, são feitas as análises de dados, com o uso da abordagem qualitativa. Desse modo, utilizaremos técnicas que foram (re) pensadas na minha pesquisa de mestrado, como “Corpos Participantes” (ROCHA, 2019), especialmente quando somos o próprio campo; (ii) a Conversa Espontânea. A participação direta no campo etnográfico pode ser sintetizada na tese como Sacola de Campo:

[...] Nos encontramos com este conceito quando, ao desenvolver as ações da pesquisa, armazenamos ideias, falas e pensamentos inusitados em pedaços de papéis, folhas avulsas, ou qualquer suporte que permitisse anotações. São estalos que surgem em momentos extra-intracampo. Apontamos, assim, que a essência da pesquisa mora nestes detalhes que subitamente indicam os caminhos na escrita. É pela Sacola de Campo que chegamos ao formato desta escrita, vivida, compartilhada, de misturas profundas entre o eu, o nós e os infinitos outros que perpassam a existência quilombola (ROCHA, 2019, p. 22).

Há mais de um século, ao povo negro não era permitido sequer sonhar. Naquela época, foram lidos como selvagens, primitivos, movidos pelo instinto. Contudo, a pesquisa de Bronislaw Malinowski (1884-1942) nas ilhas Trobriand em 1910, demonstrou ao contrário, havia uma organização social no lugar, com autoridade, lei e ordem. Após um século, como anda o processo de pesquisa na universidade? A ementa da disciplina ainda apresenta autores que denominam grupos de pessoas como selvagens e exóticos. Precisamos apresentar nossa percepção e definição, não somos selvagens. Como somos lidos na universidade? Aqui, Agora. Temos o direito de sermos reconhecidos, realizar investigações no lugar onde moramos e afirmar o nosso lugar na pesquisa.

No decorrer das décadas, os territórios foram tomados por pesquisadores. Simultaneamente, o sofrimento alheio e pesquisas em comunidades isoladas socialmente viraram febre no campo investigativo das universidades brasileiras. Compreendemos a necessidade de (des)colonizar o caminho da pesquisa, trilhado por pesquisadores. Blanco diz sobre novas formas de gerar conhecimento:

Tanto na contextualização como na própria narrativa autoetnográfica, há (dou) pinceladas que remetem a alguns elementos que foram (e continuam a ser) centrais nas ciências sociais: a conjunção dos níveis microsocial e macroestrutural; o estudo das gerações como grupos de populações que partilham períodos históricos específicos; o chamado “conhecimento situado” que relaciona a vida pessoal do pesquisador com os temas que ele escolhe estudar; a combinação de perspectivas e, permeando tudo sutilmente, o debate epistemológico (BLANCO, 2012, p. 68 – Tradução nossa).

Assim, uma investigação a partir do próprio contexto não deixa de ser conhecimento. Aqui, já saímos da condição de pesquisado para pesquisador, o cenário é outro, temos a oportunidade de expressar nossa própria realidade. Para tanto, é necessário atualizar e ressignificar as metodologias, inclusive quando falamos de uma metodologia tão consolidada como é a etnografia. Utilizaremos técnicas que foram (re) pensadas na minha pesquisa de mestrado, como “Corpos Participantes” (ROCHA, 2019), especialmente quando somos o próprio campo; (ii) a Conversa Espontânea. Dessa forma, o Corpo Participante distância/substitui a neutralidade da pesquisa pela ação engajada. Esta experiência metodológica do mestrado aconteceu justamente no momento em que me senti deslocada na academia, por isso busquei teorizar. Portanto,

somente agora compreendo bem “quando a teoria pode ser um lugar de cura” (HOOKS, 2017, p. 85).

É necessário compreender que a autoetnografia é uma janela para nossas palavras, ou seja, nossas vozes na pesquisa, nossa autorrepresentação. Grada Kilomba ressalta a importância da realização de pesquisas denominadas de *Study up*, na qual, “pesquisadoras/es investigam sujeitos de seu próprio grupo social, ou pessoas de status similares, como forma de retificar a reprodução do status quo dentro da produção do conhecimento” (KILOMBA, 2019, p. 82).

É justamente por meio da Autoetnografia que o Corpo indisciplinado e estigmatizado alcança o protagonismo na Academia. Dessa forma, compreendemos que as práticas hegemônicas silenciam, isto é, deixam fora novos modos de sentir e de agir que ultrapassam a lógica categorial binária. Mas a participação direta no campo etnográfico pode ser sintetizada neste texto, fragmento da minha tese como Sacola de Campo e autoetnografia.

## **MEU TERRITÓRIO**

Aqui é o meu lugar. Meu pai adorava conversar com as pessoas e descobrir seus conterrâneos. Quando falava em procedência, ele dizia que nosso povo era de Macaúbas-Bahia, e hoje eu sei mesmo que nossa história começa no território baiano. Na década de mil novecentos e vinte (1924-1925), inicia a caminhada do meu povo que veio da Bahia, as famílias Rocha e Silva, visto que não se sentiam mais seguras em Macaúbas por causa da presença dos revoltosos naquela região. Então, as famílias receberam a notícia de que havia “terra boa” no interior, no estado de Goiás. Essa informação uniu nove irmãos - parceiros de caminhada - que foram em busca de novas terras. No caminho, enfrentaram frio, chuva, calor, medo, e principalmente a dor de perder uma criança para a fogueira, Beata, filha de João Damaceno. Uma diáspora baiana.

O grupo chegou à cidade de Posse com uma conversa diferente, as diferenças dialetais. Hoje ainda há resquícios nos nossos léxicos cotidianos. Naquela época, iniciou um processo de socialização com família e amigos, quase uma década após, especificamente no ano de 1933, então, as famílias Rocha e Silva compraram um terreno denominado fazenda Retiro, em Boa Vista, no município de Posse.

Os mais novos abriram carreiros, os caminhos para andar no povoado, além disso, construíram casas de adobe e pau a pique. João Damaceno Rocha e Nicolau Cesário Rocha usavam uma linguagem monitorada, eles alfabetizaram as crianças em casa, época em que a questão do analfabetismo crescia junto com a população do país. No decorrer dos anos, a taxa de analfabetismo no país diminuiu, famílias se deslocavam do meio rural Extrema para a cidade de Iaciara para avançar no processo de escolarização. Minha família faz parte dessa estatística.

Os mais velhos implantaram a religiosidade, conduziam os eventos de letramento religioso oral e nos cadernos-escritos, se autodeclararam católicos. A reza em latim continua nos rituais religiosos, entendemos que o português é o latim numa evolução de vinte séculos, antes de incorporar outras línguas, inclusive africanas. O grupo segue a tradição do Mastro Baiano. A partir do voto de Pedro Rocha para São Pedro inicia-se o Mastro de São Pedro. Aproximadamente, em 1942, os moradores terminaram a construção da igrejinha de adobe. Após a construção, houve um intervalo na levantada do mastro, antes São Pedro, após, foi acordado entre a igreja católica e a comunidade, o Mastro Sagrado Coração de Jesus e Imaculado Coração de Maria, no Povoado Extrema. A seguir, um mosaico fotográfico de registros de eventos da comunidade em Iaciara, GO.

**Foto 1:** Mosaico de imagens.





Fonte: Acervo pessoal de Madalena Rocha, 2023.

Naquela época, os rituais religiosos eram fervorosos, as pessoas encontraram a fé nos rituais sagrados, como a Lapinha de Menino Deus, assim, evangelizaram no Giro da Folia. Além do Mastro, as pessoas de Extrema seguiram com as práticas tradicionais como a parteira, os benzimentos e principalmente as curas de doenças por meio das raízes e ervas.

Em 1951, nasceu a comunidade Levantado, a uma distância geográfica de seis quilômetros entre os dois povoados. Mesmo assim, Extrema e Levantado continuam juntas em algumas festividades religiosas.

## AUTOETNOGRAFIA

Nasci na década de 1970. Filha de Leandro e Auta, neta do professor Nicolau C. Rocha, um dos fundadores da Comunidade Extrema. Nós somos do campo, crescemos entre macaúbas, barrigudas, laranjeiras, mangueiras, goiabeiras e espinhos do limoeiro. Aprendemos subir nas goiabeiras, brancas e vermelhas, catar tamarindos e estucar as laranjeiras doces e azedas. Logo cedo, selecionamos as mangas bolo bom, rosa e comum. Ajudamos nosso pai separar dúzias de bananas. Aprendemos a amolengar a manga, equilibramos no tamanco de manguba e catamos coquinhos maduros e verdes no brejo. Pegamos água na cacimba rasa com nossa mãe, e tiramos água na cisterna funda com nosso pai, no sarilho. Por muito tempo, tomamos banho na cacimba. Corremos na queimada, rabiscamos, desenhamos no chão do terreiro.

Acompanhamos nosso pai, nossa mãe e nossos irmãos nas plantações, colocamos três caroços de milho na cova e tapamos com os pés, enquanto nosso pai plantava as leras com a matraca. Catamos feijão e observamos a secagem do arroz e do feijão no terreiro, tempo de colheita. Divertimos na pisada de arroz no pilão e com o



regador na horta. Criamos nossa própria sombra com ramos de plantas nos dias mais quentes e comemos farofa de andú com café em dias frios. De manhã, não faltava o leite quentinho na caneca que nós esperávamos no curral, ousava tomar banho frio na água barrenta e pegar boneca de milho.

Ouvimos os melhores causos nas horas de descanso dos mais velhos. Nós caminhamos da nossa casa à cidade esperando a carona que não chegava. O velho pai deixou tudo e partiu para a cidade atrás de escola para as filhas/os. Partimos o coração. Como choramos pelo processo de democratização do ensino. Crescemos ouvindo nosso pai dizer "Quero um doutorzinho preto na família", erámos dez, apenas uma alcançou a graduação. A Educação no campo não chegava, sequer havia um pensamento local sobre a Educação do Campo, uma negação aos filhos/filhas dos pequenos agricultores, camponeses:

[...]Educação do Campo, resultado da luta iniciada pelos movimentos sociais e sindicais em prol de vida mais digna para os que vivem na terra e pela terra. Sustido inicialmente pelo Movimento Sem Terra e sequencialmente "tomou corpo" transformando-se no Movimento de Educação do Campo articulado em vários estados e com representação de vários movimentos que pelem em favor da Reforma Agrária e por uma vida de qualidade no campo, juntamente com instituições e institutos de pesquisa e de ensino superior (MOURA, 2015, p.17).

Primeiro a Educação no campo foi ampliada no povoado a partir do Ensino Fundamental I, os adolescentes que foram aprovados para o Ensino Fundamental II, iam a pé e de bicicleta até à escola da cidade, 5 horas da manhã. Passaram-se quase quatro décadas e até hoje a Educação do Campo não foi aplicada, resistimos na Educação no Campo com o risco de fechamento da escola.

Voltando à minha infância, na cidade, encontramos a televisão. Ficamos fascinadas e obesas. Não tínhamos espaço para brincar, isto acontecia raramente na rua entre carroças, cavalos, pedestres e carros de todos os tamanhos, um risco.

Nós brincamos de estilista e escolinha, precisávamos reconstruir nosso mundo, o lápis foi fiel, juntos produzimos uma releitura - "desenhomundo"<sup>2</sup>, um lugar possível para alimentar nossos sonhos rabiscados nas paredes do nosso quarto, nas matérias, folhas divisórias do caderno e principalmente nas leituras nos jornais velhos utilizados para embalar produtos nos supermercados. Naquela época, tivemos um choque, pois

---

<sup>2</sup> Termo criado por mim que foi inspirado no construto palavramundo (FREIRE, 2006)

ao sair nas ruas, encontramos o granduri, que ataca pessoas negras e crianças negras indefesas. Destrói vidas, na escola, nas ruas, nas casas e, principalmente, nos espaços de poder. Nós crescemos tentando compreender esse mal. Mesmo sem entender, lutamos, resistimos, produzimos peças de teatro, criamos desenhos lindos. Para mim, surgiu um convite para trabalhar na escola de formação, mas não se concretizou, não entendia os atravessamentos.

Na época, buscamos a terra das oportunidades, Brasília. Com curriculum excelente, percorremos vários lugares, mas não tinha vaga. Em conversa com os trabalhadores daqueles espaços, eles revelavam que não existia curriculum mais qualificado ali, mais uma vez não entendia os atravessamentos.

Continuamos caminhando, lendo no ônibus, no quartinho da empregada, na calçada da casa. Alguns diziam "Cuidado! Isso é loucura". Não paramos, continuamos devorando livros e revistas com assuntos educacionais. Em seguida, veio a aprovação em três concursos na área da Educação. Brasília, Formosa e Iaciara. Escolhi o lugar onde nasci.

Os enfrentamentos das mulheres são diários. Resistimos nos domínios sociais dentro e fora da comunidade. Em casa, iniciamos uma sobreposição de papéis de esposa, mãe e avó. Na comunidade, cumpro o papel na coordenação do Pontinho de Cultura Quilombola. Dentro do Pontinho nasceram grupos de mulheres que produzem doces, licores e bonecas. Na associação, cumprimos o papel de secretária e representamos o grupo em espaços fora da comunidade para falar de enfrentamentos à mineradora, ao racismo e sobre outras violências. Entre tantos papéis, não podemos deixar de mencionar, somos pesquisadoras e artistas. Na escrita ou ao capturar as imagens derramamos nossa alegria por trás da dor, raiva e indignação com tantas negações. Às vezes, é preciso ter leveza e deixamos a artista visual aparecer, pois já transformamos arte em dor.

Não tem como separar esta sobreposição de papéis, e a guerra se torna confusa quando ocorre o cruzamento das lutas de quase 10 anos. O cansaço é extremo, mas a batalha caminha. Ao escolher este rumo, enxergamos o fortalecimento do coletivo, mas a rejeição e os julgamentos de pessoas que estão na linha de frente, são diários, nos transformam em expurgo dentro da educação. Este processo é contínuo, os olhares externos são diversos, mais dolorosos que respeitosos.

Aprendemos que alguns papéis são eternos, saímos da função, mas a função não sai da liderança, isto foi carimbado ao me tornar a presidenta fundadora da Associação Quilombola Extrema (AQUE). Pessoas procuram o Pontinho de Cultura Quilombola Extrema quando o assunto é arte, dança, folia, instrumentos, etc. Quando se refere a faculdade, reuniões, encontros e representação direcionam a AQUE. Quando o assunto chega no lugar e há pouco entendimento, encaminham para a pesquisadora e docente. Ora posso ser liderança, ora posso ser pesquisadora. [...] os elementos dêiticos são transitórios [...] (SOUSA, 2006, p.78).

Os papéis sociais são visíveis para quem está fora da comunidade, percebem todo movimento, nos tornamos referência na área da educação para a família, comunidade e agora está expandido para outros lugares. Professoras transitam em busca de orientação para estudos ou filhos que estão desejando trilhar esses caminhos. Quem sou **eu** nesta universidade? **Hoje. Aqui** e lá na comunidade. Ontem, pesquisada, hoje, aqui, **Agora** Pesquisadora. Na escola, professora, no Ateliê Terezinha-coordenadora, em casa - mãe, esposa, avó. Numa sobreposição de papéis sociais.

O termo dêitico vem do grego dêixis e apresenta como significado: “indicar”, “apontar”, “demonstrar” e “focalizar”. Destacamos como exemplo desse lexema: os pronomes pessoais (**eu**, você, ele/ela), advérbios de tempo e de lugar (neste momento, **agora, hoje, aqui**, etc) (SOUSA, 2006, p. 78).

Estes lexemas são importantes na identificação de pessoas, do tempo e lugar. Ajudam a entender as sobreposições de papéis nos domínios sociais.

## ONTEM

Antes da certificação da autodefinição de comunidades como remanescentes de Quilombo, no ano de 2014, Extrema havia alcançado parcialmente algumas políticas de governo, Programa habitacional que derrubou as casinhas de adobes, cisternas excludentes, quadra poliesportiva (inacabada), uma escola que oferta Educação no Campo, ao invés de Educação do Campo. Apontamos aqui, as políticas violentas, não pensadas, nem elaboradas por nós.

Por muito tempo, Extrema foi um lugar de mão de obra barata. Pessoas de fora levavam turma de homens para trabalhar em serviço braçal e famílias de Iaciara ainda procuram adolescentes para trabalhar de doméstica em suas casas, a servidão é visível.

Extrema é um lugar de encontro de pessoas de várias regiões, definitivamente fixaram suas moradias em Extrema: mineiros/as, alagoanos/as. Estas diferenças regionais diversifica o lugar, as diferenças dialetais se misturam, aproximam ou distanciam as pessoas.

[...]os falares de maior prestígio são justamente os usados nas regiões economicamente mais ricas. Estamos vendo, então que são fatores históricos, políticos e econômicos que conferem o prestígio a certos dialetos ou variedades regionais e, conseqüentemente, alimentam rejeição e preconceito em relação a outros (BORTONI RICARDO, 2004, p. 34).

Entendemos que não existem variedades faladas mais bonitas ou mais corretas, o que existe é uma fronteira nas regiões economicamente mais ricas, entre família, amigos e escola que rompe com o processo de sociabilização. Sendo assim, enraíza os falares de maior prestígio por determinados grupos de maior poder político e econômico em detrimento dos demais, comunidades interioranas. Nas comunidades interioranas, apontadas como de "menor prestígio", a língua materna é recusada na escola, assim, pessoas do interior são rejeitadas nos grandes centros. A língua de prestígio é herança que vem sendo repassada da nobreza à burguesia até chegar à obrigatoriedade do ensino com a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional de 1996.

A cobrança de uma linguagem monitorada chega junto com a obrigatoriedade do ensino. A ausência de uma conscientização sobre a variação linguística na escola contribui para criar insegurança linguística nos falantes do português. Aqui, em Extrema não é diferente, a diversidade linguística e a pluralidade cultural florescem no chão da escola e noutros domínios sociais. A ambiência escolar não pode ser uma agência reprodutora de desigualdade social, e insistir que a língua materna é "erro de português". Diante deste cenário, um encontro de pessoas vindas de vários lugares, presenciamos uma nova geração que passou pelo processo de escolarização e busca corrigir o vocabulário dos mais velhos. Uma atitude que é fruto de uma prática discursiva letrada que busca neutralizar as falas dos mais velhos, daqueles que não tiveram a oportunidade de continuar os estudos.

O processo de escolarização precisa avançar, ou seja, partir da língua materna, com possibilidade de ampliar o repertório linguístico da criança e desenvolver a competência comunicativa. A escola precisa romper os muros escolares e encontrar os

letramentos identitários, que parte das práticas sociais, nossas práticas de letramentos, contador/a de causos, a cozinheira/o de festas, a rezadeira/rezador, o folião, a susseira, a benzedeira, o rezador de via-sacra, o folião, os filhos da parteira, os filhos e netos dos fundadores da comunidade. Abrimos uma discussão na minha tese de doutorado com um termo criado por mim. Como as práticas de letramentos identitários podem contribuir para o desenvolvimento da criança Quilombola na Escola Municipal João Damaceno Rocha? A criança negra tem o direito de realizar descobertas no lugar onde mora e afirmar o seu lugar no mundo. Mas, o movimento é contrário, surge o preconceito linguístico, a necroeducação.

Portanto, o processo de escolarização não prepara a criança, nem o jovem e tampouco o adulto para os enfrentamentos diários. Trazemos um fragmento de um enfrentamento, a mineradora apresentou um relatório técnico para apresentar uma proposta de implantação de uma mineradora no território, uma linguagem técnica. O papel do professor é desenvolver a construção da identidade destas crianças que estão em meio a conflitos e enfrentamentos diários. É preciso ofertar uma educação emancipadora, que parte da história da família, do território, o letramento identitário que parte de si, não do outro.

Antes, fizeram da Extrema um lugar "sem esperança", uma escravidão mascarada, um controle de mão de obra barata ou até mesmo sem recebimento do serviço, pois algumas turmas de homens trabalharam por muito tempo em péssimas condições, mas com o passar dos anos alguns recusaram. Muitos Quilombolas foram embora, outros apenas buscaram recursos para ajudar famílias e parentes que aqui ficaram. A maioria dos jovens concluíram o Ensino Médio, poucos adentraram à universidade até 2014, na época, não havia convites para o trabalho leve, porque exigiam "boa aparência", somente no trabalho braçal como capinas e roçada de pasto e as meninas/mulheres foram convidadas para trabalhar de doméstica na cidade. Havia um trânsito forte em busca de pessoas para servidão.

## **HOJE - QUILOMBOLA OU CARAMBOLA?**

Após o recebimento da certificação da autodefinição de comunidades como remanescentes de Quilombo, alcançamos parcialmente as Políticas direcionadas ao povo Quilombola. Vamos puxar na memória o entendimento na época. Em conversa, Anastácio B. da Silva, do alto dos seus 83 anos, disse que na idade que tem, quando

criança, não ouviu esta palavra, "quilombola". O termo chegou primeiro na comunidade Levantado, depois em Extrema. Mas, afinal que termos são estes? Estes conceitos externos não elaborados pelas comunidades negras, chegam juntos com algumas políticas nos territórios, aparecendo no plano do direito legislativo, visto que é o art. 68 do Ato das Disposições Constitucionais Transitórias da Constituição Federal de 1988.

Aos poucos, as pessoas procuraram o significado da palavra "Quilombo", o mais utilizado é o conceito oficial do Conselho Ultramarino de 1740, que diz que, quilombo é "toda habitação de negros fugidos que passem de cinco, em parte desprovida, ainda que não tenham ranchos levantados nem se achem pilões neles" este é o significado encontrado ainda em livros didáticos e documentos oficiais, sempre reforçando os estereótipos. De onde parte "negros fugidos"? Fugindo de quem? Quais as implicações nas vidas de pessoas negras Quilombolas? Qual é a consequência desta nomeação que aparece nos livros didáticos e nos documentos oficiais?

Hoje, um grupo de mulheres, maioria preta, produzem a Boneca Catarina, boneca de pano negra, homenagem a nossa matriarca, foi parteira, benzedeira, cozinheira, professora e trouxe o sussa juntamente com a amiga Chica para dentro das festividades religiosas. Além disso, é uma ferramenta para construção da identidade da criança negra no enfrentamento ao racismo e geração de renda para mulheres negras. No decorrer dos encontros, ocorrem rodas de conversas sobre identidade, povo antigo, racismo, "mulher-macho", machismo, assuntos corriqueiros, ou seja, o letramento de reexistência<sup>3</sup> (SOUZA, 2011).

Construímos uma identidade Quilombola, porque ninguém quer ser "escravo fugido". Para tanto, os cabelos crespos deixaram de ser alisados, cresceram e não foram cortados pelos meninos. As pessoas pretas soltaram seus cabelos, houve mudanças nesses corpos Quilombolas, mudança de sentimento, de pertencimento em relação ao território. A autoestima renasce e nasce "[...]quilombo não significa escravo fugido. Quilombo quer dizer reunião fraterna e livre, solidariedade, convivência, comunhão existencial" (NASCIMENTO, 1980, p. 263).

---

<sup>3</sup> Para Souza (2011, p. 158) [...] letramentos de reexistência significa que não apenas resistiram a um modelo de letramento excludente apoiado em formas já cristalizadas de legitimação, mas criaram outras formas de dizer o já dito, imprimindo de forma indelével suas identidades sociais. Daí a nomeação letramentos de reexistência e não apenas "resistência".

Diante desse cenário violento, houve a necessidade de quebrar a fixidez, buscar o esvaziamento de uma carga tão preconceituosa. Para ter sentido dentro da academia foi necessário um movimento de significação social e cultural a partir das nossas experiências de uso, pelos que vieram antes.

Quilombo é uma palavra originária dos povos de língua bantu. Esses povos provenientes principalmente de Angola e do Congo foram trazidos para cá e escravizados. Eram os Lundas, Ovibundu, Mbundu, Kongo, Imgbala, entre outros. Na África, esses povos viviam em comunidades e tinham uma organização coletivista, sendo governados por chefes de linhagens (famílias) e por um rei que em geral era um grande guerreiro (MUNANGA, 1995, p. 58).

De significado fixo, a significação aponta o desvelamento do preconceito na língua. O conceito de Quilombo e Quilombola foram ressemantizados, mais uma vez, sob um olhar jurídico.

Estabelece as condições hermenêuticas para que tal ressemantização prevaleça na leitura do texto da lei, oferecendo uma correspondência entre tal categoria ressemantizada e dois conceitos fundamentais para a eficácia da lei, o de terras de uso comum e o de etnicidade. Porém, ao fazer isso, ela também deve realizar novas ressemantizações, agora não mais da categoria histórica ou da categoria constitucional, mas das categorias locais. (ARRUTI, 2008, p. 29).

Como assim? Critérios do uso de terras em comunidade e o da etnicidade. Aqui, Quilombola sabe lidar com a terra, mas não houve garantia do direito à terra, Art. 68 – ADCT Ato das Disposições Constitucionais Transitórias: “Aos remanescentes das comunidades dos quilombos que estejam ocupando suas terras é reconhecida a propriedade definitiva, devendo o Estado emitir-lhes os respectivos títulos” (BRASIL, 1988). Ao mesmo tempo, as Leis 10.639/2003 e 11.645/2008 que tornam obrigatório o ensino da História e cultura africana e afro-brasileira no currículo escolar com ênfase nas disciplinas de História, Arte e Literatura, objetivando a educação para as relações étnico-raciais, completam 20 anos de engavetamento.

## **QUILOMBOS**

Em entrevista, Cipriano Justino Rocha (ROCHA, 2019) ressalta, a partir de Extrema, que “quilombos são pessoas excluídas, viviam sempre nas matas, viviam no esquecimento da vida” e afirma que Extrema é um quilombo porque “pertence aos

quilombolas antigos, continua com os costumes” e continua “sacrificada”. Esta significação denuncia as mazelas do povo preto em nossa época e aponta as feridas ancestrais do cotidiano, o nosso território é um lugar de (re) construir e reconhecer identidade de cidadãos que foram excluídos de uma organização social, sendo submetidos vários tipos de violências. Esta nova identidade abre o caminho para os Quilombos, Quilombola na extensão, na pesquisa e no ensino.

Esta nova identidade encaminha pessoas pretas para cursos elitizados nas instituições públicas. Aqui, na comunidade somos mais de vinte pessoas na graduação. No decorrer do tempo, os territórios e os Quilombolas foram pesquisados, dentre esses estudos, encontramos conceitos com uma carga preconceituosa, pejorativa, violenta que objetifica, subalterniza, hierarquiza e inferioriza o sujeito por meio da língua e de marcas ideológicas. Antes, pessoas pretas não tinham voz. Para entender este transmovimento, utilizo os dêiticos, como nos identificamos? Ontem: pesquisados. Hoje: pesquisadoras/es.

“Quilombo e Quilombola” são categorias de governo para nominar lugar e grupo de pessoas negras. Estes conceitos externos chegam junto com algumas políticas de governo nos territórios. Mesmo assim, no início houve um estranhamento, as pessoas da comunidade Extrema não internalizaram estes conceitos, houve sarcasmo, brincaram com a palavra desconhecida “Carambola” ou “Quilombola”? Esta identidade imposta pelo governo movimentou a comunidade. Para ter alcance às políticas de governo, a nova identidade foi acionada, buscamos significar para ter sentido.

No decorrer do tempo, pessoas de várias regiões fixaram suas moradias em Extrema. A seguir um quadro com o perfil sociolinguístico das primeiras famílias em Extrema e em Iaciara, municípios do estado de Goiás.

**Quadro 1** – Perfil sociolinguístico.

<b>PERFIL SOCIOLINGUÍSTICO PRIMEIRAS FAMÍLIAS EM EXTREMA-IACIARA/GO</b>					
N <sup>o</sup>	FAMÍLIA	ANO DE CHEGADA	ORIGEM	NÍVEL DE ESCOLARIDADE	FAMÍLIA
1	ROCHA	1933	Macaúbas-Bahia	Mestrado	Quilombolas e Inter-raciais
2	SILVA	1933	Macaúbas-Bahia	Especialização	Quilombolas e Inter-raciais
3	GAMA	1984	Brumado- Bahia	Especialização	Pertencentes
4	AMORIM	1993	Iaciara-Goiás	Ens. Médio	Pertencentes



5	XAVIER	2001	Canapi-Alagoas	-	Pertences
	MENDES	2004	Arredor de Extrema-Iaciara/GO	Especialização	Pertences
6	FRANCISCO	1997	Iaciara-GO	Ens. Médio	Inter-raciais e Pertences
7	CONCEIÇÃO	1983/84	Ensino Médio	Ens. Médio	Inter-raciais e Pertences
8	OLIVEIRA	1983	Faz. Pouso/Iaciara-GO	Ensino Médio	Pertences
9	VIEIRA	2006	Iaciara-GO	Especialização	Pertences
10	NOVA ROMA	1981	Iaciara-GO	Graduação	Pertences

**Fonte:** Dados da pesquisa (ROCHA, 2019).

Por muito tempo, Extrema e Levantado enfrentam uma carga preconceituosa que vem da língua, “negos fedorentos”, “pau de fumo”, “beijo de moela”. As pessoas foram estigmatizadas por décadas, fomos “sacrificados”, “menosprezados”, “esquecidos”, [...] (KILOMBA, 2019). Os laços de parentesco, amizade e apadrinhamento foram construídos apesar da adversidade e grandurí de muitos que passaram por aqui.

Quilombola com letra Q “maiúscula” uma nova identidade carregada de significação, isto acontece após o esvaziamento de sentido preconceituoso. Além disso, o termo com letra maiúscula ressalta a identidade própria, não é apenas mais uma categoria de governo. Tudo isso representa um movimento de resistência para diminuir a carga discriminativa. O que significa a categoria quilombola com letra inicial minúscula? Visa apagar e torna coletivo um termo que tem sua identidade própria.

Outro dado importante é a apropriação da palavra “Quilombola” modificando para substantivo próprio. Bréal (1992, p.126) estabelece “A diferença com os nomes comuns é uma diferença intelectual. Se se classificam os nomes segundo a quantidade de ideias que despertam, os nomes próprios deveriam estar na frente, pois os mais significativos de todos, sendo os mais individuais.” A pesquisa abre o caminho para os corpos negros, a voz silenciada, também favorece a (re)construção de identidade num transmovimento, de pesquisada a pesquisadora. Do ponto de vista da semântica, Bréal aponta que, “[...] os nomes próprios são os substantivos por excelência” (BRÉAL, 1992, p.126).

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Por fim, os enfrentamentos continuam, mas na Educação houve avanços, alguns adultos retomaram os estudos, jovens saíram da comunidade para estudar.

Chegamos nas instituições federais, é visível a ocupação nos cursos de Mestrado e Doutorado, temos Quilombolas mestranda/mestra e uma doutoranda produzindo conhecimento científico em duas instituições federais, quebramos o primeiro e o segundo ciclo, amanhã, ocuparemos o ensino, pesquisa e a extensão.

Aqui deixo as inquietações e possíveis respostas no que se refere às relações de poder que se estabelecem pelo uso da língua nos domínios sociais, e os dêiticos como elementos de análise a partir dos estudos da Sociolinguística e Semântica.

74

## REFERÊNCIAS

BLANCO, M. **Autoetnografía**: una forma narrativa de generación de conocimientos. Revista Andamios. Volumen 9, número 19, mayo-agosto, 2012, pp. 49-74

BORTONI-RICARDO, S. M. **Educação em língua materna**: a sociolinguística na sala de aula. São Paulo: Parábola Editorial.

BRASIL. **Lei n. 11.645 de 10 de março de 2008**. Altera a Lei n. 9.394, de 20 de dezembro de 1996. D.O.U. de 11 de mar. de 2008.

BRASIL. **Lei n. 10.639, de 9 de janeiro de 2003**. Altera a Lei n. 9.394, de 20 de dezembro de 1996. D.O.U. de 10 de janeiro de 2003.

BRÉAL, M. **Ensaio de Semântica**. Tradução F. Aída et al. São Paulo: Pontes /Educ, 1992.

DA SILVA, C. **O legado de Bernadete Pacífico, a ialorixá e líder quilombola assassinada na Bahia**. Carta Capital. São Paulo, 18 de agosto de 2023. Disponível em: <https://www.cartacapital.com.br/sociedade/o-legado-de-bernadete-pacifico-a-ialorixa-e-lider-quilombola-assassinada-na-bahia>. Acesso em 30 de agosto de 2023.

FREIRE, P. **Pedagogia da Autonomia**: Saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 2006.

HOOKS, B. **Ensinando a transgredir**: a educação como prática da liberdade. São Paulo: Martins Fontes, 2017.

KILOMBA, G. **Memórias da plantação**: Episódios de racismo cotidiano. Tradução: Jess Oliveira. 1. ed. Rio de Janeiro: Cobogó, 2019.

MOURA, A. A. V. **Sociolinguística e o seu lugar nos letramentos acadêmicos de professores do campo**. Tese de doutorado. Universidade de Brasília, 2006.

Munanga, K. (1996). Origem e histórico do quilombo na África. **Revista USP**, (28), 56-63. <https://doi.org/10.11606/issn.2316-9036.v0i28p56-63>. Acesso em 30 de agosto de 2023.

NASCIMENTO, A. **O Quilombismo**. Petrópolis: Editora Vozes LTDA, 1980.

SOUSA, R. M. **Gênero discursivo mediacional, da elaboração à recepção**: uma pesquisa na perspectiva etnográfica. Tese de doutorado. Universidade de Brasília, 2006.

SOUZA, A. L. S. **Letramentos de Reexistência**: poesia, grafite, música, dança: hip-hop. São Paulo: Parábola, 2011.

ROCHA, M. M. S. **Na caçada da onça: curreleira e sussa enquanto performances culturais quilombolas**. Dissertação de mestrado. Universidade Federal de Goiás, 2019.